

O INTERACIONISMO SIMBÓLICO: IMPLICAÇÕES PARA O PROCESSO E PRÁTICA EDUCACIONAL

SYMBOLIC INTERACTIONISM IMPLICATIONS FOR THE EDUCATIONAL PROCESS AND PRACTICE

Filipe Costa Fontes¹

RESUMO:

A sociedade é tanto produto, quanto pano de fundo do processo educacional. De posse deste pressuposto, este breve artigo tem como objetivo central apontar algumas contribuições de uma visão interacionista da sociedade para o projeto educacional. Tendo em vista a grande abrangência do paradigma interacionista, este se limitará a uma apresentação geral do referido paradigma, com enfoque maior sobre uma de suas manifestações mais recentes: a sociologia do conhecimento de Peter Berger e Thomas Luckmann. Após apresentar tal paradigma social, o ensaio procurará mostrar algumas das contribuições de uma visão interacionista da sociedade para o processo e a prática educacionais. Isto será feito tomando como referencial teórico a concepção de sociedade do interacionismo simbólico, sobretudo em sua manifestação mais recente, na sociologia do conhecimento de Berger e Luckmann, em interação com os pressupostos da teoria pedagógica de Paulo Freire. Ao fim deste ensaio, pretende-se mostrar que uma a visão interacionista da sociedade implica o caráter processual da educação, permite uma visão otimista do processo educacional como o caminho para o engajamento social de um indivíduo, e reforça o caráter hermenêutico e dialógico do processo educacional.

Palavras-chave: Interacionismo Simbólico; Processo Educacional; Socialização; Diálogo.

Abstract: The society is both the product and the background of the educational process. Upon receipt of this assumption, this short article aims to highlight some central contributions of an interactionist view of society for the educational project. Given the broad reach of the interactionist paradigm, this will be limited

¹ Bacharel em Teologia, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção; Mestre em Teologia Filosófica pelo CPAJ (Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper); Mestrando em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. fcfontes@gmail.com

O INTERACIONISMO SIMBÓLICO: IMPLICAÇÕES PARA O PROCESSO E PRÁTICA EDUCACIONAL

to an overview of this paradigm with greater focus on one of its latest manifestations: the sociology of knowledge by Peter Berger and Thomas Luckmann. After presenting such social paradigm, the essay seeks to display some of the contributions of an interactionist view of society to the educational process and practice. This will be done by taking as a theoretical conception of society symbolic interactionism especially in its most recent manifestation in the sociology of knowledge by Berger and Luckmann, in interaction with the assumptions of the pedagogical theory by Paulo Freire. At the end of this essay, I intend to show that an interactionist view of society implies the procedural nature of education providing an optimistic view of the educational process as the way to the social commitment of an individual, and reinforces the hermeneutic and dialogic character of the educational process.

Keywords: Symbolic Interactionism; Educational Process; Socialization; Dialogue.

Introdução

Não existe sociedade. Existe um processo de sociedade.
Não existe educação. Existe um processo de educação.
(TEIXEIRA, 1971, p.85)

A sentença de Anísio Teixeira transcrita acima revela que há uma profunda relação entre a concepção sobre a sociedade e a concepção sobre a educação. Tal relação se deve ao fato de que educação e sociedade encontram-se diretamente relacionados, numa relação dialética, por assim dizer. De um lado, a sociedade é o produto da educação. É para a vida em sociedade que se visa educar. Por outro lado, a sociedade é o pano de fundo do processo educacional, é por meio de relações sociais que o processo educacional acontece, sendo a escola um dos primeiros grupos sociais no qual se insere um indivíduo.

Por isso, a concepção de um pesquisador ou educador sobre a sociedade tende a influenciar de maneira determinante sua concepção sobre a educação. Uma concepção positivista da sociedade, por exemplo, conduziu o ocidente a uma visão tradicional e bancária da educação, para usar a nomenclatura empregada por Paulo Freire (1970, p.33). Assim também, concepções diferentes sobre a sociedade podem nos conduzir a diferentes visões do processo, e,

consequentemente, da prática educacional, o que realmente importa.

Este breve ensaio tem como objetivo apontar algumas contribuições de uma visão interacionista da sociedade para o projeto educacional. Isto será feito tomando como referencial teórico a concepção de sociedade do interacionismo simbólico, sobretudo em sua manifestação mais recente, na sociologia do conhecimento de Berger e Luckmann, em interação com os pressupostos da teoria pedagógica de Paulo Freire.

1) As teorias sociológicas da agência

Piotr Sztompka (2005, p.17), de maneira ampla e precisa, classifica as teorias sociais em quatro grandes paradigmas: as teorias evolucionistas, as teorias cíclicas, o materialismo histórico e as teorias da ação social. Estas últimas, dentre as quais está o interacionismo simbólico, objeto de nosso ensaio, recebem esse nome por terem como núcleo de seus estudos os agentes sociais e o impacto dos mesmos na dinâmica social. Margaret Archer (1996, p.xi) afirma, no início de sua obra, *Culture and Agency*, que “o problema da estrutura e da ação tem sido, com justiça, o assunto básico da teoria social moderna”.

O pioneiro da perspectiva da ação é Max Weber (1864-1920). Sua concepção de sociedade difere consideravelmente da concepção dos demais sociólogos clássicos. Enquanto para Durkheim, por exemplo, a sociedade é vista como uma realidade factual, exterior aos indivíduos e coercitiva, portanto, capaz de determinar o comportamento dos mesmos, Weber a vê como o resultado das interações individuais. A própria terminologia da teoria weberiana é suficiente para revelar esta mudança de paradigma. Enquanto Durkheim desenvolveu e trabalhou sua teoria tendo como paradigma os *factos sociais*, Weber o fez sob os conceitos de *ação e relação sociais*. Isto mostra que sua ênfase da teoria weberiana, e, por consequência, das teorias sociais da agência, se deposita sobre o caráter dinâmico, mutável e fluido do corpo social, ao invés de no aspecto estrutural estático da sociedade (WEBER, 1996, p.5).

1) O interacionismo simbólico

Uma profunda e importante manifestação do paradigma da ação se encontra no interacionismo simbólico. Embora seja possível estabelecer uma relação do interacionismo simbólico com o pensamento de Weber, seguimos a consideração de Giddens (2007, p.17), de que tal relação precisa ser compreendida como possuindo o *status* de “influência indireta”.

O INTERACIONISMO SIMBÓLICO: IMPLICAÇÕES PARA O PROCESSO E PRÁTICA EDUCACIONAL

O interacionismo simbólico é filho da Escola de Chicago, fundada em 1892 por W. I. Thomas. Essa escola, descrita por Joas (1999, p.131) como a “combinação de uma filosofia pragmática, de uma orientação política reformista para as possibilidades da democracia num quadro de rápida industrialização e urbanização, e dos esforços para transformar a sociologia numa ciência empírica”, exerceu grande influência na sociologia americana, entre 1890 e 1940, durante a fase de institucionalização propriamente dita da disciplina.² George H. Mead (1863-1931) tem sido reputado como o fundador do interacionismo, embora o termo “interacionismo simbólico” seja posterior, fazendo-se presente primeiramente na obra de Herbert Blumer (1900-1987), aluno da Escola de Chicago e defensor de suas concepções. Mead era originalmente psicólogo, e sua obra de influencia determinante para as teorias interacionistas foi “*A mente, o sujeito e a sociedade*”, anotações de aulas ministradas na Escola de Chicago, no período de 1927-1930, que causou uma revolução em sua disciplina ao associar os termos *psicologia* e *sociedade* (psicologia social) (DOMINGUES, 2001, p.25). Tradicionalmente, a psicologia era identificada com o estudo da psique individual, e Mead, nessa obra, apontou a influência de um fator comumente desprezado pelas escolas psicológicas na formação do indivíduo, a sociedade. Sobre a contribuição de Mead, Joas afirma:

Tomado pelo espírito do pragmatismo, (Mead) investigou o tipo de situação de ação em que uma maior atenção nos objetos do ambiente não basta para garantir o êxito da continuidade da ação. O que tinha em mente eram problemas de ação interpessoal. Em situações sociais, o agente é, ele próprio, uma fonte de estímulo para seu parceiro. Ele deve então estar atento a seus modos de ação, uma vez que estes suscitam reações do parceiro e, por isso, tornam-se condições para a continuidade de suas ações. Neste tipo de situação, não apenas a consciência, mas também a autoconsciência são funcionalmente requeridas (JOAS, 1999, p.139).

Mead desenvolveu sua teoria através do estudo da comunicação. Ele pontuou que a mente possui três aspectos fundamentais: a utilização da linguagem simbólica; a composição por “gestos convencionais”; e a realização de ensaios

² Para maiores informações sobre a origem da Escola de Chicago, cf: COULON, A. A escola de Chicago. Campinas, SP: Papyrus Editora, 1995.

imaginativos que permitem a reflexão e escolha de cursos diversos de ação. Consequentemente, para Mead, o homem está envolvido num processo de comunicação constante que se dá por meio de símbolos mutáveis, construídos e compartilhados pelos indivíduos. Os símbolos, definidos como objetos sociais usados pelo agente para representação e comunicação, evoluem de gestos corporais para gestos vocais e, posteriormente, para símbolos-significantes (MEAD, 1973, p.89).

É na medida em que os indivíduos compartilham esses símbolos, e são capazes de comunicar e agir de forma que faça sentido para os demais, que se pode falar em sociedade. Dessa forma, a sociedade é, para Mead, um “intercâmbio simbólico”, uma vez que ela “se funda em sentidos compartilhados, sob a forma de compreensões e expectativas comuns” (GOLDENBERG, 1997, p.26).

Ao longo de sua socialização, o indivíduo aprende a interagir em três etapas básicas que Mead denomina etapas da “brincadeira”, do “jogo” e do “outro generalizado”. Na primeira etapa, as interações são completamente espontâneas, não seguindo regras fixas. Na segunda, as interações se dão baseadas em regras fixas, que definem os indivíduos e os papéis dos mesmos. Na terceira, o indivíduo teria adquirido a capacidade de ver-se nos diversos papéis, compreendendo o comportamento dos demais indivíduos, e respondendo a eles adequadamente durante a interação. Esta etapa, segundo Mead, permitiria o funcionamento harmonioso da sociedade (MEAD, 1973, p.180-186).

Dois importantes considerações podem ser feitas sobre a teoria de Mead. Primeiramente, que ela abraçou a interação como unidade de análise fundamental. Nela a sociedade é definida como um padrão organizado de interações, composta de vários grupos, que se encontra em constante fluxo de mudança. A partir da visão de Mead, a sociedade passa a ser concebida essencialmente em seu caráter processual. Em segundo lugar, a teoria de Mead apresentou uma alternativa à relação entre estrutura e ação, tão discutida até então. Para Mead, nem a estrutura nem a ação têm a palavra última, visto que a interação entre os indivíduos é a responsável pela produção da vida social. Em sua teoria, o “eu” dos indivíduos é produto social, sem deixar de ser criativo. Ele entendia que a sociedade exerce um enorme poder sobre os indivíduos, mas também concebia os indivíduos como ativos e não como inertes diante desse poder, uma vez que, dada sua capacidade simbólica, podem conceber realidades e cenários, e agir, individual e coletivamente, para torná-los reais.

O INTERACIONISMO SIMBÓLICO: IMPLICAÇÕES PARA O PROCESSO E PRÁTICA EDUCACIONAL

O sucessor de Mead, e responsável pelo nome “interacionismo simbólico”, foi Herbert Blumer. Blumer auxilia profundamente no entendimento da perspectiva interacionista ao resumir as teses centrais do interacionismo simbólico em três premissas básicas. A primeira é que, segundo o interacionismo, os seres humanos agem em relação às coisas, tendo como base o significado que elas têm para eles. Para Blumer, o interacionismo é a teoria que concebe todas as ações humanas como guiadas por um processo de indicação e interpretação da realidade. Embora as ações individuais possam ser influenciadas pelas interações nas quais estamos envolvidos, elas são, também, resultado de nossa própria definição e interpretação da realidade. A segunda é que o significado das “coisas” resulta da interação social que os seres humanos têm uns com os outros. É por meio das interações entre os indivíduos que a realidade é construída e interpretada simbolicamente. O interacionismo simbólico rejeita a imagem do ser humano como um ser passivo e determinado, e cria uma imagem ativa do mesmo, atribuindo aos indivíduos e suas ações a constituição da própria sociedade. A terceira premissa é a de que os significados não são aceitos e usados automaticamente, mas estão sujeitos a um processo de interpretação, isto é, a um processo formador, no qual são usados ou alterados como meios para a orientação ou construção da ação no processo de interação social (BLUMER, 1969, p.2-5).

2) Peter Berger e a sociologia do conhecimento

Mais recentemente, a influência da tradição interacionista pode ser percebida nos trabalhos de Peter Berger. Berger é um dos mais recentes sociólogos do conhecimento³, e expõe sua visão sobre a sociedade na obra escrita em conjunto com Thomas Luckmann, *A construção social da realidade*, onde ambos revelam seus pressupostos interacionistas.

Berger e Luckmann concebem a construção da realidade social como um processo dialético entre estrutura e ação. Segundo Berger, esses dois

³ Cf. BERGER, P; LUCKMANN, T. A construção social da realidade. p. 14-15. O termo “sociologia do conhecimento” surgiu na filosofia de Max Scheler (1874-1928), na década de 1920, e denominou uma futura subdisciplina dos estudos sociais. Houve diferentes definições da natureza e do âmbito da sociologia do conhecimento; contudo, pode-se apontar como acordo geral o fato de que o propósito desta subdisciplina é tratar das relações entre o pensamento e o conhecimento humano e o seu contexto social.

enunciados não são contraditórios. Ele concebe a sociedade como factual e objetiva, ao mesmo tempo em que a compreende como um produto da atividade humana, que, como tal, expressa um significado subjetivo. Em suas próprias palavras:

O melhor modo de descrever o caminho que seguimos será fazer referência a duas das mais famosas e influentes “ordens de marcha da sociologia”. Uma foi dada por Durkheim em As regras do método sociológico, a outra por Weber em Wirtschaft und Gesellschaft (Economia e Sociedade). Durkheim diz-nos: “A primeira regra e a mais fundamental é: considerar os fatos sociais como coisas”. E Weber observa: “Tanto para a sociologia no sentido atual quanto para a história, o objeto de conhecimento é o complexo de significados subjetivo da ação” (BERGER; LUCKMANN, 2008, p.33).

Assim, para Berger e Luckmann, os indivíduos são os agentes da construção social. Mas, ao mesmo tempo em que agem, os indivíduos criam uma estrutura institucional que determina sua própria relação com o mundo. Nisto consiste a atividade dialética do agente social. Ele “simultaneamente exterioriza seu próprio ser no mundo social e interioriza este último como realidade objetiva” (BERGER; LUCKMANN, 2008, p.178).

O processo pelo qual isto se dá é denominado socialização. A socialização é “a ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo da sociedade ou de um setor dela” (BERGER; LUCKMANN, 2008, p.175). Segundo Berger e Luckmann, um indivíduo não nasce membro da sociedade. De fato, ele nasce com predisposição para a sociabilidade e, no decorrer do tempo, torna-se membro do corpo social. O processo de socialização se distingue em duas etapas. A socialização primária é a que um indivíduo experimenta na infância. Na socialização primária, forma-se o primeiro mundo de um indivíduo. Ele se identifica com a realidade objetiva que encontra formada fora de si quando chega ao mundo. Essa primeira socialização envolve a interiorização de papéis, normas e valores, que acontece muito baseada nos vínculos afetivos e de segurança que caracterizam um grupo social específico. Esta etapa da socialização se encerra quando o conceito do outro generalizado é estabelecido na consciência do indivíduo (BERGER; LUCKMANN, 2008, p.173-184).

O INTERACIONISMO SIMBÓLICO: IMPLICAÇÕES PARA O PROCESSO E PRÁTICA EDUCACIONAL

A socialização secundária, por sua vez, é “qualquer processo subsequente que introduz o indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade” (BERGER; LUCKMANN, 2008, p.175). Berger e Luckmann a definem como “a interiorização de submundos institucionais” (BERGER; LUCKMANN, 2008, p.184). Ela é o processo de internalização e aquisição de novos conhecimentos, que pode dar-se nas mais diversas esferas sociais. Trata-se da interiorização da ordem que estrutura as interpretações e condutas de rotina de áreas específicas de atuação de um indivíduo. Este é um processo constante, visto que “a socialização nunca é total nem está jamais acabada” (BERGER; LUCKMANN, 2008, p.184).

É na dinâmica do processo de socialização que se encontra a questão central da sociologia do conhecimento: como significados subjetivos chegam a se tornar fatos objetivos? A resposta a esta questão central pode ser encontrada em um processo que se pode resumir em três conceitos importantes: exteriorização, objetivação ou institucionalização e interiorização.

A exteriorização é a contínua efusão do ser humano sobre o mundo, quer na atividade física quer na atividade mental dos homens. A objetivação é a conquista, por parte dos produtos dessa atividade (física e mental) de uma realidade que se defronta com os seus produtores originais como facticidades originais e distinta deles. A interiorização é a reapropriação dessa mesma realidade por parte dos homens, transformando-a novamente de estruturas do mundo objetivo em estruturas da consciência subjetiva (BERGER, 1985, p.16).

A dinâmica deste processo acontece da seguinte forma: 1) cada indivíduo possui uma percepção da realidade. Trata-se de um conhecimento da vida cotidiana como uma realidade ordenada, objetivada, composta por uma série de objetos considerados previamente como tais. 2) Em interação, os indivíduos exteriorizam sua percepção da realidade, que é contraposta à dos demais participantes da interação, causando um choque e o consequente compartilhamento de cosmovisões. 3) Os elementos que são compartilhados e atingem um alto nível de aceitabilidade coletiva são cristalizados, interiorizados e institucionalizados, tornando-se um “padrão de controle, ou seja, uma

programação da conduta individual imposta pela sociedade” (BERGER; BERGER, 1977, p.193).⁴

Nisto se pode perceber a relação entre ação e estrutura no pensamento de Berger e Luckmann. Os indivíduos são os agentes da dinâmica social. Em constante interação, eles criam os significados que determinam a vida social. Ao fazê-lo, eles criam as instituições, que são experimentadas como algo dotado de realidade exterior, experimentadas como realidades objetivas e dotadas de força coercitiva. Todavia, o poder coercitivo das instituições não é absoluto, uma vez que eles, na verdade, estão em constante mudança, já que são resultados da ação de inúmeros indivíduos em compartilhamento de significados.

O legado do interacionismo simbólico à concepção da sociedade pode ser resumido nas observações a seguir. Primeiramente, esta perspectiva trouxe a lume o caráter processual da sociedade, em contraposição à concepção estática que marcava as teorias anteriores. Em segundo lugar, o paradigma da ação colocou de vez os indivíduos como o motor das mudanças socioculturais. Consequentemente, a direção, o objetivo e a velocidade das mudanças ganharam um caráter de fluidez e multiplicidade, visto que tais aspectos passaram a ser alvo de disputa entre os diversos agentes. Em terceiro lugar, ao apontar para o caráter simbólico das interações humanas, as teorias da agencia ressaltaram para o papel do conhecimento e o caráter hermenêutico da dinâmica social. Por fim, a perspectiva acentuou a interdependência entre estrutura e ação. Nessa interação dual, as estruturas moldam e são moldadas, enquanto, ao mesmo tempo, os indivíduos produzem e são produzidos.

3) Interacionismo Simbólico: Implicações para o processo e prática educacional

Como temos afirmado introdutoriamente, uma vez que a sociedade é o

⁴ Deve-se cuidar para não confundir o termo “instituições”, no pensamento de Berger e Luckmann, com o conceito corrente. No sentido comum, o termo se refere a uma organização que abrange pessoas, tais como: hospital, prisão e escola. Ou, ainda, o termo é comumente relacionado às grandes entidades sociais que são vistas como entes metafísico que estão sobre a vida de um indivíduo, como o estado, a economia, etc. No pensamento de Berger e Luckmann, qualquer manifestação cultural coletivamente aceita e legitimada adquire o status de instituição. Isto vale para ideias, crenças, comportamentos, etc. Cf: BERGER, B; BERGER, P. O que é uma instituição social? In: J. S. Martins (Org.).

Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977. p.193-199

O INTERACIONISMO SIMBÓLICO: IMPLICAÇÕES PARA O PROCESSO E PRÁTICA EDUCACIONAL

propósito e o pano de fundo da prática educacional, a concepção sobre a sociedade é determinante da concepção da educação. Para cumprir nosso objetivo neste ensaio, cabe-nos, portanto, verificar que implicações pedagógicas se originam da visão interacionista de sociedade. Estamos convencidos de que nenhuma teoria é capaz, por si só, de resolver todos os problemas e questões pedagógico-sociais. Por isso, a descrição das relações entre os seres humanos, e entre o ser humano e a estrutura social, feita pelo interacionismo simbólico, não pode ser vista, de forma nenhuma, uma descrição definitiva. Todavia, estamos convencidos também do fato de que o interacionismo simbólico pode fornecer elementos de grande valor para uma constituição de uma ciência social da educação. Vejamos os apontamentos a seguir.

Em primeiro lugar, a visão interacionista aponta para o caráter processual da educação, conforme a sentença de abertura deste artigo: “Não existe sociedade. Existe um processo de sociedade. Não existe educação. Existe um processo de educação” (TEIXEIRA, 1971, p.85). A concepção da sociedade como um processo constante e inacabado implica, necessariamente, uma visão da educação como um processo constante e inacabado, de forma que seria mais próprio falar em processo educacional, ou educativo, do que propriamente em educação. A educação é um processo e, como tal, deve ser pensada processualmente, ou seja, levando em conta seu caráter fluido e mutável. Isto inclui o modo como alguém faz pesquisa em educação, passa pela elaboração da grade curricular, até atingir aquele que ministra as aulas. O pesquisador deve cuidar para não elaborar metodologias que não sejam simplistas e tratem a educação como elemento estático, como uma metodologia unicamente baseada em análise quantitativa, por exemplo. A elaboração da grade curricular deve ser revisada constantemente. E o professor deve cuidar para considerar o processo de construção do conhecimento, ao invés de tornar-se um depositário de um conteúdo acabado. Sobre este último ponto, falaremos posteriormente, quanto tratarmos do caráter dialético do processo educacional.

Em segundo lugar, a visão interacionista da sociedade permite uma visão otimista do processo educacional. A teoria interacionista concebe a sociedade como uma construção dos agentes, ao contrário de uma visão que supervaloriza o aspecto estrutural em detrimento da agência, em que o indivíduo é concebido apenas como um construto social; na visão interacionista, o indivíduo é o construtor da sociedade. Consequentemente, uma visão do processo educacional,

baseada no interacionismo simbólico, deve conceber a educação como uma ação humana. A educação é o processo em que os seres humanos indicam objetos, interpretam-nos, e, ao fazê-lo, moldam sua visão da realidade. Esta concepção coloca sobre o homem a responsabilidade da construção de seu mundo e identidade, e, conseqüentemente, permite uma visão otimista da educação, como instrumento para a transformação de si e do mundo. Com as teorias da agência,

reconheceu-se, como era óbvio, que um indivíduo não tem mais que um minúsculo poder de decisão na mudança social, mas, ao mesmo tempo, que a mudança social deve ser tratada como resultado combinado daquilo que fazem todos os indivíduos. Distributivamente, cada indivíduo é portador de uma agência ínfima, praticamente invisível, mas coletivamente os indivíduos são todopoderosos (SZTOMPKA, 2005, p.329).

Em terceiro lugar, a visão interacionista da sociedade permite uma visão do processo educacional como o caminho para o engajamento social de um indivíduo. Uma vez que se define a educação como uma interação, faz-se necessário distingui-la das demais interações que envolvem o ser humano. Isto somente pode ser feito atentando para seu fim último, que é humanizar o homem, mediante a incorporação à vida social. É possível dizer que a escola é um dos mais básicos ambientes de socialização do homem. Trata-se de um dos primeiros lugares onde um indivíduo tem contato com um vocabulário valorativo, papéis e normas socialmente construídos, e se integra no universo social.

Em quarto lugar, a visão interacionista simbólica reforça o caráter hermenêutico da prática educacional. Tomamos o termo hermenêutico em referência à teoria ou filosofia da compreensão e interpretação. De acordo com a visão interacionista, o homem é um interprete por natureza, e age de acordo com sua interpretação da realidade. A educação nada mais é do que um ato interpretativo, que ao mesmo tempo origina os pressupostos que conduzirão o homem em sua interpretação do mundo, e, conseqüentemente, sua relação com ele.

Por fim, uma visão interacionista da sociedade reforça o caráter dialógico do processo educacional. Numa visão interacionista da sociedade, o homem é visto como agente, um produto não acabado, que tem sua própria visão de

O INTERACIONISMO SIMBÓLICO: IMPLICAÇÕES PARA O PROCESSO E PRÁTICA EDUCACIONAL

mundo que é modificada através de suas experiências individuais e coletivas. Seguindo os pressupostos interacionistas, o educador não pode ver o educando como um receptor passivo. Nesse sentido, é possível estabelecer uma relação entre a teoria interacionista e a pedagogia freiriana. Um dos pontos mais centrais da pedagogia de Paulo Freire é o caráter dialógico do processo educacional. Em sua obra *“A pedagogia do oprimido”*, Freire critica a “educação bancária”, em que, em suas palavras: “a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante”, e “a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los, e arquivá-los” (FREIRE, 1970, p.33). Freire vê o processo educacional como um processo dialógico. Em suas palavras: “a educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios”, a quem o mundo “encha” de conteúdos” (FREIRE, 1970, p.38).

O processo educacional “não é a transferência do saber, senão, um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1985, p.53). Trata-se de uma interação entre um indivíduo, que possui uma visão de mundo própria, marcada por características próprias, construída ao longo de sua história de vida, com outro indivíduo, que possui uma visão de mundo específica, marcada por características específicas, que possui uma visão de mundo peculiar, onde estas duas visões de mundo se relacionarão, se chocarão, e se modificarão, por consequência. Nesse sentido, poderíamos trazer a lume as palavras de Paulo Freire: “ninguém educa ninguém, ninguém se educa, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1970, p.39). Não seria muito lembrar, portanto, que uma condição fundamental para um processo educacional efetivo é a humildade. “Não há, por outro lado, diálogo, se não há humildade. “A pronúncia do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante” (FREIRE, 1970, p.46).

Por consequência, também implica uma visão interacionista simbólica do processo educacional, o fato de que o referido processo precisa ser mediatizado por símbolos comuns. “A compreensão significativa dos signos, por sua vez, exige que os sujeitos da comunicação sejam capazes de reconstituir, em si mesmos, o processo dinâmico em que se constitui a convicção expressa por ambos por meio dos signos lingüísticos” (FREIRE, 1985, p.56). “Os objetos e respectivo significado precisam ser definidos desde o ponto de vista dos agentes,

e precisam ser vistos como estes os veem” (BECK, p.49). Quanto mais o educando estiver em contato com aspectos comuns a sua visão de mundo, maior será a facilidade de aprendizado e de transformação.

Referências

ARCHER, M. S. **Culture and agency: the place of culture in social theory**. Cambridge University Press. 1996.

BECK, N. L. J. **Educar para a vida em sociedade: estudos em ciências da educação**.

Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

BERGER, P. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas. 1985.

BERGER, B; BERGER, P. O que é uma instituição social? In: J. S. Martins (Org.). **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1977. p.193-199

BERGER, P; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 2008.

DOMINGUES, J. M. **Teorias sociológicas no século XX**. São Paulo: Record. 2001

FREIRE, P. **Extensión o Comunicación?** In MOLINA, A (org.) Diálogo e Interacción en el Proceso Pedagógico. México, D. F.:Ediciones El Caballito, 1985.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 11ª Ed. São Paulo: Paz e Terra. 1970.

GIDDENS, A. **Sociologia**. 5ª.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. São Paulo: Record. 1997

O INTERACIONISMO SIMBÓLICO: IMPLICAÇÕES PARA O PROCESSO E PRÁTICA EDUCACIONAL

JOAS, H. Interacionismo Simbólico GIDDENS, A.; TURNER, J (org). **Teoria social hoje**. São Paulo: Unesp, 1999

MEAD, G. H. **Espíritu, persona y sociedad: desde el punto de vista del conductismo social**. Barcelona: Paidós 1973.

SZTOMPKA, P. **A sociologia da mudança social**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2005.

TEIXEIRA, A. S. **Pequena Introdução à Filosofia da Educação: a Escola Progressiva ou a Transformação da Escola**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

WEBER, M. **Economia y sociedad: esbozo de sociologia comprensiva**. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica. 1996. (Sección de obras de sociología).